

ENTREVISTA A GÖRAN BOLIN

Uma abordagem holística e tecno-semiótica da mediatização

Un enfoque holístico y tecno-semiótico de la mediatización

A Holistic and Techno-semiotic Approach to Mediatization

DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2026.21.1.4435>

► POR MARIO CARLÓN

mariocarlon895@gmail.com - Cidade Autónoma de Buenos Aires - Seminário (REDE) Internacional de Pesquisa em Mediatização e Processos Sociais, Brasil. / Instituto Gino Germani, Universidad de Buenos Aires, Argentina.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5303-1308>

► POR JAIRO FERREIRA

airoferrei@gmail.com - Santa Maria - Salvador - Seminário (REDE) Internacional de Pesquisa em Mediatização e Processos Sociais, Brasil. / Universidade Federal de Santa Maria, Brasil / Universidade Federal da Bahia, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0197-5412>

► POR GUILLERMO OLIVERA

golivera1000@aol.com - Amsterdam - Seminário (REDE) Internacional de Pesquisa em Mediatização e Processos Sociais, Brasil. / University of Amsterdam, Países Baixos.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3293-4269>

COMO CITAR: Carlón, M., Ferreira, J. & Olivera, G. (2026). Entrevista a Göran Bolin. Uma abordagem holística e tecno-semiótica da mediatização. *InMediaciones de la Comunicación*, 21(1). <https://doi.org/10.18861/ic.2026.21.1.4435>

JANEIRO · JUNHO 2026

INMEDIACIONES

Com foco na análise da gestão da informação, nos processos de datificação, nos mercados digitais e nos desafios abertos pela Inteligência Artificial (IA) comunicativa, o trabalho de pesquisa de Göran Bolin tornou-se uma referência central para pensar a trama comunicacional e política contemporânea. Em diálogo com *InMediaciones de la Comunicación*, ele apresenta sua perspectiva de estudo e alerta sobre o processo de “oligarquização da política ocidental” que atenta contra o regime democrático e marca a fusão entre o poder político, econômico e simbólico.

MARIO CARLÓN (M.C.), JAIRO FERREIRA (J.F.) & GUILLERMO OLIVERA (G.O.): Em seu livro *Media generations. Experience, identity and mediatised social change* (2016, Routledge) e em seu artigo “Generational analysis as a methodological approach to study mediatised social change”, publicado no seu livro *Digital Technologies and Generational Identity* (2017, Routledge), voce ressaltou a importância de analisar a midiatiização como um processo social e histórico que interage de maneiras específicas com o desenvolvimento das gerações. ¿Que ferramentas analíticas utilizou para fazer a transição de uma análise “micro” (uma fotografia de uma família, por exemplo) para outras análises a nível “meso” e “macro”? ¿Como considera atualmente a relação entre as gerações e a midiatiização? ¿Existem novos processos que devam ser tidos em conta?

GÖRAN BOLIN (G.B.): Primeiramente, a teoria geracional, seguindo Karl Mannheim, José Ortega y Gasset e outros, trata da questão da transformação social, de forma semelhante à teoria da midiatiização. Nesse sentido, a combinação das duas, especialmente se nos concentrarmos nas gerações e nos meios de comunicação, é complementária. Quando isso foi posto em prática para a pesquisa empírica, optei por uma abordagem de métodos mistos, combinando inquéritos nacionais com entrevistas qualitativas y grupos focais. Aqui, também quero reconhecer o trabalho de quem era estudante de doutorado, Signe Opermann, quem fez parte do projeto e ajudou tanto na recopilación de dados como no processamento analítico. Eu sempre achei gratificante a investigação comparativa –as comparações nacionais ou interculturais permitem observar as coisas em relevo umas em relação às outras–, os dados foram recolhidos tanto na Suécia como na Estónia. E como eu não falo nem leio estónio, precisei trabalhar com alguém que tivesse essas competências e que também conhecesse o contexto cultural estónio para a realização da análise. Portanto, para este projeto, contratei a Opermann, quem era, e continua sendo, muito mais avançada do que eu em análise estatística, por isso mantivemos uma colaboração que acredito tinha sido benéfica para ambas partes. A análise estatística nos forneceu uma estimativa de quando mudou o uso dos meios de comunicação social nos dois países e, com base nesses dados, selecionamos três faixas etárias, que depois utilizamos para construir nossos grupos focais.

Assim, a análise estatística permitiu-nos ter uma ideia aproximada de quando ocorreram os pontos de inflexão no uso dos meios de comunicação e ajudou-nos a construir as “paisagens mediáticas objetivas”, ou seja, a estrutura material nas que viviam as gerações da Suécia e da Estônia, que depois foi analisada qualitativamente através das nossas entrevistas com grupos focais. As entrevistas dos grupos focais são excelentes para provocar o sentimento de pertença geracional, e é realmente possível ver como surge a identidade geracional quando as pessoas confirmam lembranças midiáticas comuns a todos os membros do grupo focal, como acontecimentos noticiosos específicos (a chegada do homem à Lua, a morte de Brezhnev) ou a cultura popular, como programas infantis de televisão ou de rádio.



O uso de fotografias familiares serviu mais para ilustrar meus argumentos, pois através deles é possível conectar as lembranças individuais e as condições privadas com contextos sociais mais amplos. Não obstante, eles também são úteis para ilustrar a geração como uma relação de parentesco. Na minha opinião para realizar uma análise completa das gerações, é importante trabalhar com a dupla perspectiva da geração como formação social, seguindo a Mannheim, e a geração enquanto parentesco, de forma semelhante como Margaret Mead (1970) trabalhava com a brecha geracional na sua época.

M.C., J.F. & G.O.: Devido à sua experiência e a seu conhecimento no campo dos estudos sobre mediatização no Norte e no Sul, você ocupa uma posição privilegiada para observar os dois desenvolvimentos, como fica evidente em artigos como “Nunca temos sido mediatizados: reflexões sobre as relações entre as perspectivas latino-americanas e europeias da mediatização” (Bolin, 2024). **¿Considera que a atenção aos “processos” é uma abordagem compartilhada por ambas perspectivas? ¿Pensa que é proveitoso pensar em diálogos com base neste ponto em comum como proposta?**

G.B.: Sim, eu acho que a perspectiva do processo é uma das coisas que temos em comum, especialmente aqueles que acho têm perspectivas históricas mais ampliadas, e acho que os acadêmicos latino-americanos geralmente têm perspectivas históricas muito mais amplas do que a maioria dos pesquisadores europeus têm sobre mediatização. Geralmente eles abordam a mediatização como

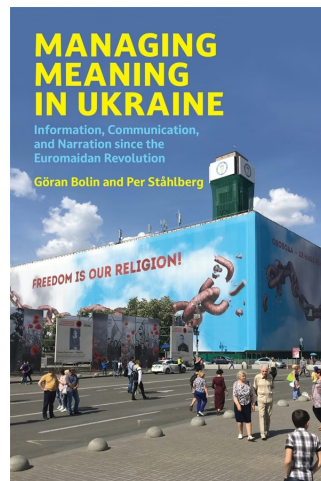
algo que ocorreu após da Segunda Guerra Mundial. O que também aprecio nos pesquisadores latino-americanos sobre midiatização é o foco na semiótica e nas teorias pós-estruturalistas. Essas abordagens parecem estar desaparecendo em grande parte da produção científica europeia, o que considero uma pena. Porém, acredito que isso pode ser atribuído à popularidade na Europa da perspectiva institucional da midiatização, que é mais fiel à tradição norte-americana da “lógica dos meios”, conforme teorizado por Altheide e Snow (1979).

É importante ressaltar que uma peculiaridade da teoria da lógica mediática é que, quando ela foi incorporada na teoria europeia da midiatização, ficou reduzida ao foco nas instituições, principalmente nas duas instituições sociais da política e do jornalismo. Como especialista em análise textual, considero isso lamentável, pois Altheide e Snow (1979), no seu livro *Media Logic* concentram-se na verdade na “gramática” dos meios de comunicação, nas formas textuais e nas formas em que o conteúdo é organizado. Essa parte da teoria perdeu-se na transferência para a Europa em benefício dos meios de comunicação como instituições. Talvez isso acontece quando a midiatização surgiu na Europa, e talvez especialmente na Suécia e nos países nórdicos, ela foi primeiro adotada por pesquisadores do jornalismo que estavam mais interessados no papel da instituição jornalística e não tanto em outras áreas dos meios de comunicação. Além disso, muitos desses investigadores em jornalismo tinham formação em Ciências Políticas, o que significava que tinham um grande interesse na instituição política e, conseqüentemente, voilá, na relação entre o jornalismo e a política, e entre os jornalistas e os políticos e suas relações de poder, que se converteram no centro da atenção.

M.C., J.F. & G.O.: A atenção prestada à semiótica e aos processos de produção e circulação do significado é uma característica dos estudos do Sul, especialmente da escola com base na obra de Eliseo Verón, que se inspirou na perspectiva de Charles Sanders Peirce. Você propôs o desenvolvimento de uma visão baseada na obra de Jean Baudrillard e na teoria dos simulacros, que denomina tecno-semiótica e que também aborda o significado. Por estas razões, é provável que você seja uma exceção, um pesquisador com um trabalho que dialoga com essas duas perspectivas a partir de um ponto de vista específico. ¿Será que você poderia resumir alguns dos pontos centrais da sua proposta e comentar em que medida as duas “semióticas da midiatização” podem dialogar, se é que isso é realmente possível?

G.B.: Sim, é verdade, e mesmo que a minha formação em semiótica esteja mais alinhada com o legado de Saussure, que também é proeminente em Baudrillard (e Barthes e outros estudiosos franceses da década de 1960 e décadas adjacentes), isso não é incompatível com o legado de Peirce, representado por Verón e outros referentes. Essas duas abordagens têm foco nos sinais e na análise estrutural. O que se acrescenta na perspectiva latino-americana é a

circulação, que me pareceu útil como conceito, apesar de eu ter consciência de que a minha interpretação não faz sempre justiça à sua complexidade/riqueza/profundidade. No entanto, a partir de Baudrillard, procurei desenvolver a sua abordagem tecno-semiótica, dado que a teoria de Baudrillard apresenta algumas limitações. Por exemplo, mesmo que Baudrillard (1972) tenha sido pioneiro em introduzir o conceito de “valor do signo”, destacando a importância crescente das qualidades de desenho dos objetos e produtos básicos desde a década de 1950 –com base, em grande parte, nas ideias de John Kenneth Galbraith (1958), abrindo caminho para a análise dos bens imateriais, mais precisamente intangíveis, que temos hoje em dia–, paradoxalmente, ele ficou limitado aos bens materiais em seus exemplos (a moda, por exemplo, ou o desenho de automóveis). Considero que a sua abordagem tecno-semiótica, como geralmente a denomino, adapta-se muito melhor à análise dos produtos contemporâneos, que estão completamente livres de qualidades materiais e tangíveis: programas de informática, música, imagens em movimento que fluem pela fibra ótica e circulam em sistemas Wi-Fi. Todos esses produtos têm uma fluidez que os produtos anteriores não tinham, e todos precisam do que denomino “meios de consumo” para ser consumíveis (telefones celulares, computadores portáteis, iPads, etc.). Na verdade, eles só existem como estruturas de signos, algo que tentei explicar no meu livro *Value and the Media* (Bolin, 2011). Por isso, eu acho que, na era do capitalismo de dados em que vivemos hoje, a semiótica se torna cada vez mais importante. Mais e mais produtos básicos são compostos inteiramente por signos, produzidos por meio de práticas significativas e resultado de um trabalho de significação. Esses produtos básicos têm qualidades que diferem radicalmente dos produtos básicos anteriores. É por isso que surgem slogans como “os dados são o novo petróleo” e outros semelhantes. No entanto, a analogia entre os dados e o petróleo é errada em muitos aspetos, entre outras coisas porque o petróleo é um recurso natural que pode esgotar-se, enquanto os dados são infinitos, uma vez que são produzidos por meio da atividade humana, uma forma de trabalho, por assim dizer. E enquanto houver atividade humana, os dados não se extinguirão. Além disso, o petróleo é a fonte de energia que torna possível a produção, mas ainda é energia necessária para produzir e fazer circular os dados, principalmente na forma de padrões de consumo do “consumidor digital”. Essa energia pode ser proveniente de energia hidroelétrica, petróleo, energia solar, nuclear ou eólica, porém todas elas são recursos energéticos, não produtos finais. Os dados, por outro lado, são a matéria-prima que se transforma num bem intangível, por exemplo, o consumidor digital, que é uma construção semiótica composta por



JANEIRO - JUNHO 2026

IIMEDIACIONES

uma combinação de signos. Por conseguinte, o que o setor publicitário compra não é nenhum usuário específico das redes sociais, é uma estrutura de signos abstratos que representa um perfil de consumidor que procura a atenção do anunciante (ou outro agente deste mercado).

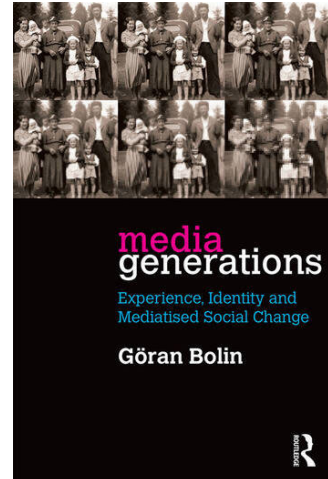
M.C., J.F. & G.O.: No seu livro com Per Ståhlberg, *Managing meaning in Ukraine. Information, communication and narration since the Euromaidan revolution* (2023, The MIT Press), você desenvolveu uma análise das principais mudanças narrativas que ocorreram ao longo do tempo com fundamento em uma análise dos acontecimentos-chave considerados revolucionários na época. Na sua opinião, o que caracteriza os acontecimentos contemporâneos? Como é que a cobertura mediática influencia no desenvolvimento deles?

G.B.: Essa é uma pergunta difícil, e não tenho a certeza de ter uma resposta definitiva. Mas podemos concluir que os acontecimentos atuais diferem dos teorizados por Dayan e Katz (1992), que se concentravam nos meios de comunicação de massa, e concretamente na televisão. Os acontecimentos atuais, e o nosso exemplo é a revolução do Euromaidan no inverno de 2013 e 2014, são um pouco diferentes, pois as imagens e narrativas circulavam entre os meios de comunicação especializados, os meios de comunicação de massa e as redes sociais. Além disso, os meios de comunicação de massa tinham-se diferenciado, de modo que as imagens também circulavam entre serviços de streaming como o Hromadske, um canal de televisão baseado inteiramente no streaming, e meios de comunicação internacionais como a CNN e a BBC World. Obviamente, isso sem contar os meios de comunicação de massa nacionais. Dayan e Katz também enfatizaram em seu trabalho original que os acontecimentos midiáticos eram “pré-planejados” e divulgados por todos os canais. E, sem dúvida, a revolução do Euromaidán foi divulgada pela maioria dos canais de comunicação de massa, mas também de forma mais intensa na Europa do que, por exemplo, no Brasil, como demonstrou Camila Hartmann (2024) na sua tese de doutorado, na qual comparou a cobertura da imprensa sueca com a cobertura informativa da guerra na imprensa brasileira. No entanto, dificilmente se pode dizer que tenha sido planeado antecipadamente. Pelo contrário, segue o desenvolvimento de “acontecimentos disruptivos”, como Katz, juntamente com Tamar Liebes, teorizou mais tarde (Katz & Liebes, 2007). Portanto, a teoria dos acontecimentos mediáticos é esclarecedora, mesmo que seja necessário modificá-la um pouco para a adaptar ao mundo multiplataforma em que vivemos na atualidade. Outro aspecto importante que é ressaltado na pergunta é a sequência narrativa dos eventos midiáticos, que nem sempre é destacada nas diversas análises em que se utilizou a teoria dos eventos midiáticos. Dayan e Katz (1992), que fundamentaram sua teoria em parte na teoria antropológica estrutural dos rituais, fizeram ênfase na natureza roteirizada desses eventos:

eles seguíam um ordenamento sequencial específico, da mesma forma que diversos ritos arcaicos. Nesse sentido, esses eventos são transformadores e, ao igual que em qualquer rito de passo, quando sai do ritual, está transformado. Daniel Dayan formou-se em antropologia e semiótica (com Roland Barthes), e essa epistemologia estruturalista subjacente está sempre presente no seu pensamento e análise. Portanto, a sua ênfase no desenvolvimento narrativo dos eventos carrega essa marca.

Tal como foi dito, penso que hoje em dia se observa uma certa confusão em torno do conceito de narrativa, que é frequentemente utilizado em relação com a guerra na Ucrânia e a agressão da Rússia. Especialmente nos campos adjacentes às ciências políticas e às relações internacionais, o conceito de narrativa é utilizado de forma imprecisa, equiparando-se, na maioria dos casos, ao “discurso”, uma vez que carece da estrutura temporal e da ênfase no enredo que, na minha opinião, são necessários para compreender em que consiste uma narrativa. Por exemplo, muitas vezes se faz referência à “narrativa russa”, o que na maioria dos casos significa simplesmente “a visão de mundo russa”. Mas uma visão de mundo não tem necessariamente uma forma narrativa. Para mim, esse tipo de uso despoja o conceito de narrativa do seu poder analítico, achatando-o e desarmando-o. Tenho a certeza de que estou livrando uma batalha perdida, já que esta forma de utilizar o termo está muito enraizada no jornalismo contemporâneo, o que contribui para a confusão. Podemos ver isso, por exemplo, na forma como os estudantes o utilizam na atualidade. É uma pena, pois considero que uma análise narrativa adequada pode desvendar os acontecimentos mediáticos e explicar o seu desenvolvimento de forma interessante, especialmente a dialética de como a realidade social nessas ocasiões segue os padrões narrativos da ficção e do ritual.

M.C., J.F. & G.O.: No Seminário Internacional de Pesquisa em Miatização e Processos Sociais de 2025, realizado em São Paulo (Brasil), apresentou um avanço de um projeto de pesquisa internacional que está desenvolvendo-se sobre o autoritarismo nas sociedades atuais (na Suécia, Estónia e Portugal). Esta investigação está ocorrendo em diferentes segmentos sociais – por um lado, os jovens e, por outro, os adultos mais velhos – e centra-se na tolerância de cada segmento em relação ao autoritarismo no setor privado (grandes empresas) e no setor público (o Estado). ¿O que nos diz esta pesquisa sobre a sociedade contemporânea e o seu futuro? ¿Como vê atualmente a relação existente entre autoritarismo, e a miatização?



G.B.: Esta abordagem de investigação é relativamente nova para mim e surge do trabalho que realizei com Veronika Kalmus, da University of Tartu (Estónia), e Rita Figueiras, de Lisboa (Portugal). Nós nos concentramos na vigilância estatal e corporativa e na medida em que os usuários regulares de meios de comunicação estão dispostos a revelar informações privadas e a aceitar a extração de dados por parte dos Estados e das empresas, sobre seu uso dos meios. Um resultado secundário desta pesquisa foi a descoberta de uma espécie de ressurgimento do que Adorno e seus colegas denominaram, na década de 1950, “a personalidade autoritária”, ou seja, aquela personalidade conformista, disposta a obedecer à autoridade, que preparou o caminho para o surgimento do fascismo (Adorno et al., 1950).

Eu acho que essa é uma área importante de investigação, pois podemos observar tendências autocráticas em muitos países ao redor do mundo, e as autocracias não podem existir sem a submissão voluntária do povo. Estamos procurando financiamento para um projeto mais amplo, no qual também participam pesquisadores do Brasil, dos Estados Unidos e de muitos países europeus, e, se conseguirmos, coletaremos dados a esse respeito. Mas a palestra que eu dei em São Paulo também aparecerá nas atas dessa conferência. Trata-se de um tema importante, pois hoje em dia podemos observar um retrocesso da democracia em todo o mundo, onde governos autocráticos e líderes políticos estão claramente em ascensão.

M.C., J.F. & G.O.: ¿Todos os líderes políticos?

G.B.: Bom, não todos os líderes políticos, é claro, mas sim muitos deles. Na Europa, é possível observar como os líderes políticos e os partidos políticos da extrema direita do espectro político estão a ganhando adeptos e entrando nos parlamentos de muitos países. Na Suécia, o partido de extrema direita, os Democratas Suecos, é agora o segundo maior partido, depois dos social-democratas. Existem também tendências preocupantes em relação à formação da opinião política, e é extremamente importante compreender o papel que os meios de comunicação desempenham nestes acontecimentos. Eu acredito, por exemplo, que podemos ver novas formas de alianças entre as chamadas “grandes tecnológicas” e o poder político, como ficou claro na posse de Donald Trump para o seu segundo mandato como presidente dos Estados Unidos. Circulou fotos dele rodeado pelos proprietários e diretores executivos das maiores empresas tecnológicas americanas: Mark Zuckerberg, Jeff Bezos, Elon Musk e outros. Todas essas pessoas têm recursos económicos enormes e controlam algumas das maiores plataformas de comunicação do mundo (juntamente com os seus homólogos da China). Esse processo de “oligarquização” da política ocidental, em que existe uma forte superposição ou fusão entre o poder político, económico e simbólico, é claramente algo novo e um desenvolvimento que não favorece realmente aos regimes democráticos.

É importante tentar compreender por que razões se estão produzindo este auge do autoritarismo neste momento histórico específico. Muitos apontam as semelhanças com os acontecimentos históricos da Europa dos anos 30, mas considero que devemos ser cautelosos na hora de estabelecer analogias demasiadamente fortes, mesmo assim também devemos estar atentos às semelhanças entre estes dois momentos históricos. Minha boa amiga e colega da Södertörn University, a filósofa Marcia Cavalcante Schuback (2022), escreveu com perspicácia sobre esse novo “fascismo da ambiguidade”, no qual ela tenta compreender tanto suas raízes em versões passadas do fascismo quanto o novo fascismo tecno-midiático dos dias de hoje. Outros colegas, como o cientista cognitivo Gary Marcus, também já debateram as relações entre a nova tecnologia de Inteligência Artificial (IA) e o fascismo. Eu acredito que este é um debate no qual devemos participar como intelectuais e acadêmicos, especialmente como estudiosos dos meios de comunicação e da comunicação, pois temos muito a dizer acerca deste assunto.

M.C., J.F. & G.O.: Você já refletiu especialmente sobre a necessidade de abordagens “holísticas” para o estudo da midiatização. ¿Poderia explicar o que quer dizer com essa ideia?

GB: Desde sempre me guiei por uma certa curiosidade pelas grandes perguntas, e a ascensão da autocracia é, sem dúvida, uma dessas grandes questões que exigem uma abordagem holística. Eu também já trabalhei com muitas metodologias, o que acho inspirador, apesar de também trazer alguns problemas epistemológicos (porque não todos os métodos são realmente compatíveis). Mas também tenho uma forte convicção nas abordagens de métodos mistos, o que acredito tem relação com o meu interesse por enfoques etnográficos, que em si são holísticos no sentido de que procuram oscilar entre o nível micro das observações e o nível macro ou meso da explicação. As grandes questões, por definição, acabam por se converter em problemas filosóficos, por isso, se cultivarmos esse interesse, no final esses problemas filosóficos surgirão. Também acredito que a complexidade dos problemas que enfrentamos hoje em dia – a crise climática, o aumento do autoritarismo e do neofascismo, etc. – requer um pensamento holístico.

Como acadêmicos, encontramos-nos, de certa forma, presos entre o impulso de especialização em áreas delimitadas, que é sem dúvida necessário para desenvolver um conhecimento profundo, e o contexto em que se situam esses problemas delimitados. Mas precisamos oscilar entre esses dois estados de reflexão e estabelecer conexões entre os microprocessos que estão no núcleo dos macrodesenvolvimentos do mundo. Nesse sentido, devemos responder ao pedido feito por Pierre Bourdieu (1996), quando solicitou o desenvolvimento de uma “Internacional de intelectuais”, uma ação coletiva de acadêmicos e intelectuais para defender a razão e a autonomia das nossas instituições de pensamento, das quais a universidade é uma parte importante. Atualmente estamos

assistindo a ataques contra a liberdade acadêmica e a liberdade de expressão que se espalham rapidamente por todo o mundo –as conferências de prensa do presidente Trump são apenas o exemplo mais extremo desses ataques–, existe uma grande necessidade de que essas instituições defendam-se a si mesmas e à sua autonomia. Esta é uma tarefa que temos pela frente e que, neste sentido, concordo plenamente com Bourdieu, deve ser coletiva e universal.

M.C., J.F. & G.O.: ¿Que contribuições considera que foram feitas, na perspectiva do estudo da midiatização, para a compreensão da era contemporânea, e que poderiam ser consideradas a partir de outras abordagens (semiológica, cibercultura, economia política, culturalista, sociológica, filosófica, etc.)? ¿Que contribuições deveriam ser feitas?

G.B.: Acho que a contribuição mais importante das perspectivas da midiatização é o foco no processo, no papel que os meios de comunicação e as tecnologias da comunicação desempenham em relação a processos sociais e culturais mais amplos. Às vezes, os meios de comunicação desempenham um papel transformador nesses processos, e é importante perceber qual é esse rol. No entanto, às outras vezes, existe também o perigo de reproduzir acriticamente a função dos meios de comunicação nos processos sociais e culturais. Como vocês indicam, também existem outros processos nos quais os meios de comunicação –como tecnologias, formas institucionais e sistemas de signos– estão integrados ou entrelaçados, ou com os quais interagem. Portanto, diria que não existe uma abordagem de midiatização “pura” que possa explicar todos os processos. Devemos prosseguir a análise dos processos de midiatização à luz dos acontecimentos político-econômicos, em relação com dinâmicas culturais e sociais mais amplas, assim como em relação com as questões filosóficas mais fundamentais da existência, do ser e do pertencimento, que também conformam a totalidade dos mundos em que vivemos. É a isso que me refiro com uma abordagem holística. A economia política tradicional, por exemplo, subestimou em muito o papel das nossas ferramentas de comunicação, e uma perspectiva de midiatização pode ajudar a esclarecer esses processos sociais.

No entanto, como estudiosos dos meios de comunicação e da comunicação, também devemos reconhecer que o contrário também é verdadeiro: não devemos limitar a nossa análise dos processos de midiatização sem levar em conta outros processos. Por exemplo, processos relacionados com problemas ambientais decorrentes do crescimento exponencial das grandes empresas tecnológicas, por exemplo, devem ser entendidos no contexto mais amplo do aquecimento global, onde as consequências do enorme consumo energético das grandes fazendas de servidores e do treinamento de IA se somam a outras práticas prejudiciais, como o desmatamento global e o aquecimento global. Portanto, mais uma vez, eu defenderia essas formas mais holísticas de abordar os problemas científicos e filosóficos da atualidade.

REFERENCIAS

- Adorno, T. W, Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. & Nevitt Stanford, R. (1950). *The Authoritarian Personality*. Harper & Brothers.
- Altheide, D. & Snow, R. (1979) *Media logic*. Sage.
- Baudrillard, J. (1972). *For a Critique of the Political Economy of the Sign*. Telos.
- Bolin, G. (2011). *Value and the Media: Cultural Production and Consumption in Digital Markets*. Ashgate.
- Bolin, G. (2016). *Media generations. Experience, identity, and mediatised social change*. Routledge.
- Bolin, G. (2017). Generational analysis as a methodological approach to study mediatised social change. In *Digital Technologies and Generational Identity* (pp. 23-36). Routledge.
- Bolin, G. & Ståhlberg, P. (2023). *Managing meaning in Ukraine. Information, communication, and narration since the Euromaidan revolution*. The MIT Press.
- Bolin, G. (2024). We have never been mediatized. Reflections on the relations between Latin America and European approaches to mediatization. In Ferreira, J., Machado Silveira, A., Borelli, V., Dalmolin, A., da Rosa, A. P. & Löfgren, I. (Eds.), *Platforms, algorithms and AI. Issues and hypotheses in the mediatization perspective* (pp. 297-310). FACOS-UFSM.
- Bourdieu, P. (1996). For a Corporatism of the Universal. In *The Rules of Art: Genesis and Structure of the Literary Field* (pp. 337-348). Polity.
- Cavalcante Schuback, M. (2022). *The Fascism of ambiguity. A conceptual essay*. Bloomsbury.
- Dayan, D. & Katz, E. (1992). *Media Events. The live Broadcasting of History*. Harvard University Press.
- Galbraith, J. K. (1958). *The Affluent Society*. Hamish Hamilton.
- Hartmann, C. (2024). *Midiatização do conflito Rússia-Ucrânia em capas de jornais de Brasil e Suécia: Narrativas de guerra em curso*. UFSM.
- Katz, E. & Liebes, T. (2007). 'No more peace!' How disaster, terror and war have upstaged media events. *International Journal of Communication*, 1, 157-166. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/44>
- Mead, M. (1970). *Culture and commitment: a study of the generation gap*. Doubleday.
- Opermann, S. (2014). *Generational Use of News Media in Estonia: Media Access, Spatial Orientations and Discursive Characteristics of the News Media*. Södertörn University.

* Nota: o Comitê Editorial da revista aprovou a publicação da entrevista.



Artigo publicado em acesso aberto sob a Licença Creative Commons - Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Göran Bolin. Doutor em Jornalismo, Mídia e Comunicação pela Stockholms Universitet (Suécia). Professor na Södertörn University (Suécia). Sua linha de pesquisa concentra-se na gestão da informação, marcas e políticas, datificação, mercados digitais e Inteligência Artificial (IA) comunicativa. Entre outras publicações, é autor de *Value and the Media: Cultural Production and Consumption in Digital Markets* (2011, Ashgate), *Media Generations: Experience, Identity and Mediatized Social Change* (2016, Routledge), y –con Per Ståhlberg– *Managing Meaning in Ukraine: Information, Communication and Narration since the Euromaidan Revolution* (2023, MIT Press), além de editar *Cultural Technologies: The Shaping of Culture in Media and Society* (2012, Routledge). Participou várias vezes no “Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais (Brasil)”. Sua publicação mais recente é o volume –coeditado com Jairo Ferreira, Isabel Löfgren e Ada Machado da Silveira– *Mediatización Norte y Sur: Perspectivas epistemológicas y empíricas desde Suecia y Brasil* (2024, Sulina). Es miembro de la European Communication Research and Education Association (ECREA) y de la Academia Europaea. The Academy of Europe. (AE).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0216-8862>